

JAIRO JOSÉ CAMPOS DA COSTA
FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

Organizadores



DOS FIOS ÀS TRAMAS

NOTAS SOBRE CULTURA POPULAR
NORDESTINA NO SUL DO BRASIL



EDITORA
OLYVER

DOS FIOS ÀS TRAMAS:
NOTAS SOBRE CULTURA
POPULAR NORDESTINA
NO SUL DO BRASIL

DIREÇÃO EDITORIAL: Maria Camila da Conceição

DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira / Jeamerson de Oliveira

DESIGNER DE CAPA: Jeamerson de Oliveira

IMAGENS DE CAPA: Bonecas de Morena Teixeira da Ilha do Ferro/AL - Acervo: Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas RN. Foto: Vécio Lima - Padre Cícero de Sidália, Associação Mestre Noza, Juazeiro do Norte CE. Acervo: Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas RN. Foto: Vécio Lima.

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



Todos os livros publicados pela Editora Olyver estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2019 Editora Olyver

Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05

Antares, Maceió - AL, 57048-230

www.editoraolyver.org

editoraolyver@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S77p

COSTA, Jairo José Campos da, – FERNANDES, Frederico Augusto Garcia.

Dos fios às tramas: notas sobre cultura popular nordestina no Sul do Brasil. [recurso digital] / Jairo José Campos da Costa e Frederico Augusto Garcia Fernandes - Organizadores – Maceió, AL: Editora Olyver, 2021.

ISBN: 978-65-87192-55-0

Disponível em: <http://www.editoraolyver.org>

1. Cultura popular.
 2. Poéticas da voz.
 3. Morena Teixeira.
 4. Ilha do Ferro/AL.
 5. Padre Cícero
 6. Juazeiro do Norte/CE
- I. Título.

CDD: 981

Índices para catálogo sistemático:

História do Brasil 981

JAIRO JOSÉ CAMPOS DA COSTA
FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES
Organizadores

DOS FIOS ÀS TRAMAS:
NOTAS SOBRE CULTURA
POPULAR NORDESTINA
NO SUL DO BRASIL

Maceió-AL | 
2021

DIREÇÃO EDITORIAL

Maria Camila da Conceição COMITÊ CIENTÍFICO EDITORIAL

Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof. Dr. Constantino José Bezerra de Melo

Secretaria de Educação de Pernambuco - SEE-PE (Brasil)

Prof. Dr. Francisco Pereira Sousa

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Prof^a. Me. Francisca Maria Neta

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Ana Cristina de Lima Moreira

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Betijane Soares de Barros

Instituto Multidisciplinar de Maceió – IMAS (Brasil)
Absoulute Chistymas University – ACU (Estados Unidos)

Prof^a Dr^a. Andrea Marques Vanderlei Ferreira

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Laís da Costa Agra

Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ (Brasil)

Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Prof^a Dr^a. Nara Salles

Universidade Federal de Pelotas | UFPel (Brasil)

Prof^a Dr^a. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Universidade Federal da Bahia | UFBA (Brasil)

Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar

Universidade Federal de Sergipe | UFS (Brasil)

Profª Drª. Karina Moreira Ribeiro da Silva e Melo

Universidade de Pernambuco | UPE (Brasil)

Profª Me. Deisiane da Silva Bezerra

Universidade Federal Rural de Pernambuco | UFRPE (Brasil)

Profª Drª. Iraci Nobre da Silva

Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Profª Me. Gisely Martins da Silva

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva

Universidade do Estado da Bahia | UNEB (Brasil)

Universidade Federal de São Carlos | UFSCar (Brasil)

Prof. Dr. Hélder Manuel Guerra Henriques

Professor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do
Instituto Politécnico de Portalegre (Portugal)

Profª Drª. Maria Aparecida Santos e Campos

Doutorado em Actividad física y salud. Universidade de Jaen, UJAEN,
(Espanha)

Prof. Dr. Diosnel Centurion, Ph.D

Universidad Católica Ntra. Sra. de la Asunción | Asunción (Paraguay)

Profª Drª. Marta Isabel Canese de Estigarribia

Universidad Nacional de Asunción, Escuela de Ciencias Sociales y
Políticas | Asunción (Paraguay)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Jairo José Campos da Costa	
Frederico Augusto Garcia Fernandes (Org.).....	09

CULTURA POPULAR DO NORDESTE

Adriane de Souza Peixoto.....	15
-------------------------------	----

CULTURA POPULAR E PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Cristina Pereira da Silva	19
-------------------------------------	----

A GRANDIOSIDADE DAS PEQUENAS COISAS: ATRAVESSAMENTOS DOS ESTUDOS AVANÇADOS EM CULTURA POPULAR NORDESTINA

Andreza Pereira Dias Ramos.....	25
---------------------------------	----

IMPRESSÕES SOBRE O CURSO DE CULTURA POPULAR

Bruno Alexandre Matsushita.....	29
---------------------------------	----

A ARTE E A MANIFESTAÇÃO DAS VIVÊNCIAS NA CULTURA POPULAR

Cleidi Strenske.....	33
----------------------	----

A CULTURA ORAL COMO ESSÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UM POVO

Eduardo Luiz Baccarin-Costa.....	43
----------------------------------	----

PARA ALÉM DO QUE SEI, O QUE SOU

Igor da Rocha Gulicz.....	48
---------------------------	----

O FIO INFINITO DA RE-EXISTÊNCIA	
Jhenifer Emanuely Rodrigues dos Santos.....	52
CULTURA POPULAR: VIDA E ARTE NA RAIZ DO SERTÃO	
Maria Aparecida de Barros.....	56
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTUDO AVANÇADO: “MANIFESTAÇÕES DE LITERATURA POPULAR NO BAIXO RIO SÃO FRANCISCO”	
Mateus Fernando de Oliveira.....	60
A ARTE COMO EXPRESSÃO DA CULTURA POPULAR	
Weslei Chaleghi de Melo.....	67
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	72

APRESENTAÇÃO

O presente livro é resultado do cumprimento do plano de trabalho de pós-doutorado do Prof. Dr. Jairo José Campos da Costa, da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, supervisionado pelo Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes, no Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina-UEL, momento em que foi ministrada uma disciplina, em formato de estudos avançados, denominada MANIFESTAÇÕES DE LITERATURA POPULAR NO BAIXO RIO SÃO FRANCISCO, entre o período de 19 a 27 de outubro de 2020, totalizando 15h/a.

A disciplina foi iniciada com a discussão do texto *Pela desconstrução do popular*, de Stuart Hall. Entre tantas questões abordadas, chegamos ao fim do debate com a definição básica de Cultura Popular, que fundamenta o olhar mais amplo de nossas pesquisas, se é que assim Hall o faz, observando as manifestações sacralizadas pelo povo e que resistem ao forte apelo da modernidade, com a ideia de popular como resistência. Isso mesmo. Resistência!

A cultura popular, apesar de tantas interferências do capitalismo, com todos os seus desdobramentos, ao nosso ver, nocivos, resiste! O *ethos* da criação da Ilha do Ferro, Comunidade Ribeirinha do Rio São Francisco, a 15 km da zona urbana do município de Pão de Açúcar/AL; como também, toda a mística que envolve o fenômeno do padre Cícero, no Juazeiro do Norte/CE, intimamente associados às tradições populares nordestinas, são dois grandes exemplos dessa resistência. Como diz o próprio Hall (2003), o povo com (...) “pífaro e tambores, com laço e effigie, com manifesto e ritual – e frequentemente com uma disciplina ritual surpreendente”. (...) eterniza seus saberes e fazeres, resiste a tudo e a todos/as e mantém a sua identidade cultural viva e latejante.

Depois, foi estudado o *Manual de História Oral*, do (MEIHY, 1991). Consideramos muito importante invadir o território das literaturas orais ou das poéticas da voz como queiram chamar, quando o/a pesquisador/a domina o passo a passo, do ponto de vista do método, apresentado pelo autor no seu manual, quais sejam: esclarecimento, participação do/a outro/a, momento da entrevista a partir de questões estratégicas, gravação, transcrição, retorno do material ao/a entrevistado/a, aprovação por parte do/a

depoente e, por fim, a autorização para uso, com fins acadêmicos, de parte ou da integralidade do conteúdo fornecido durante uma entrevista. Essa sequência, trocando em miúdos, chama-se ética e respeito as pessoas que colaboram com as pesquisas acadêmicas.

Durante a disciplina foi estudada, também, a tese de doutorado intitulada **Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura¹ da vida**, sobre Cultura Popular Brasileira na Ilha do Ferro/AL, desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá-UEM, sob a orientação da Profa. Dra. Lúcia Osana Zolin e foram apresentados os resultados parciais da pesquisa de pós-doutorado intitulada **O eco das romarias e a modelagem da santidade de padim Ciço pelas vozes dos/as romeiros/as**. Na tese, temos um estudo sobre práticas orais e escritas da artista Morena Teixeira, fica o convite à leitura e, na pesquisa do pós-doc., temos a transcrição/análises de alguns relatos de romeiros/as,

¹ A opção pela palavra “tecitura” ao invés de “tessitura”, grafia utilizada com maior recorrência na Língua Portuguesa, se deu porque a escrita com o “c” traz uma carga semântica mais próxima a palavra tecido que se escreve também com o “c”. Alguns/mas gramáticos/as aceitam a palavra escrita com o “c”, exatamente no sentido utilizado por nós, denotando “costura, conjunto de fios que se cruzam”, a exemplo do Dicionário de Laudelino Freire, (1957, p. 84) que nesse caso se adequa a ideia da costura da vida da artista em estudo, Morena Teixeira.

levantados em entrevistas durante pesquisa de campo realizada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2020.

Ao final da disciplina, foi solicitado aos/as alunos/as um ensaio de escrita acadêmica contendo as impressões, as avaliações e as sugestões acerca da condução dos trabalhos. Para a surpresa do pós-doutorando e do supervisor, chegaram textos escritos com profundo respeito às normas acadêmicas e com elevado grau de maturidade e sensibilidade, quando afluíram diversas sensações e olhares sobre a Cultura Popular Nordestina que, após retorno com algumas observações para reescrita, resultaram nessa coletânea de textos que estão disponíveis a todos/as nesta publicação.

Longe de qualquer pretensão de esgotar as possibilidades de elucubrações acadêmicas acerca das poéticas da voz no Nordeste do Brasil, a partir das verticalizações sistematizadas, e mais no sentido de valorizar a produção intelectual dos/as acadêmicos/as. Sim! A revolução da educação se dá por pequenos gestos. Essa é a nossa resistência e o nosso compromisso com a Universidade pública e gratuita, nesses tempos de barbárie ora vividos.

Esperamos que a publicação do presente livro, também, para além do lattes, possa ser fonte de inspiração para tantos trabalhos interessantes desenvolvidos no âmbito da pós-graduação brasileira que, quase sempre, terminam naquele lapso temporal em que a atividade fora desenvolvida. Quando há a publicação, além da valorização das pessoas envolvidas, imortaliza-se o trabalho desenvolvido e silencia possíveis vozes, vez por outra somos obrigados a conviver com elas, que nos chegam com o propósito de macular a imagem da Universidade pública brasileira.

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, da UEL por este pós-doutorado que, grosso modo, teve como principal objetivo difundir algumas práticas e sabedorias tradicionais populares que se eternizam no seio do povo em Alagoas e no Ceará, a estudantes de mestrado e doutorado no Sul do Brasil, especialmente, no Paraná.

Todos/as os/as participantes estão de parabéns. O nosso mais sublime sentimento de gratidão e amor pela experiência vivida.

Referências:

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

COSTA, Jairo José Campos da. *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*. Orientadora: Dra. Lúcia Osana Zolin. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CHLA) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

Maceió-AL, 02 de fevereiro de 2021.

Prof. Dr. Jairo José Campos da Costa
Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes
(Organizadores)

CULTURA POPULAR DO NORDESTE

Adriane de Souza Peixoto²

De acordo com os apontamentos, conversas e reflexões obtidas pelo estudo da Cultura Popular, através do magnífico professor Jairo, que traz o conceito de Cultura Popular de forma atenciosa, com grande respeito e admiração, realizo alguns comentários sobre quais foram as impressões e avaliações obtidas ao cursar a disciplina.

No decorrer das aulas aconteceram momentos de reflexão sobre o quanto o capitalismo se empenha constantemente - sob uma falsa argumentação de “transformação cultural necessária” - controlar ou extinguir as formas e práticas culturais populares, deturpar a noção de popular, visto de forma preconceituosa pela cultura dominante.

É possível ver este fato em meio ao cotidiano, quando uma pessoa se sente oprimida e extremamente julgada ao afirmar que trabalha com suas artes, pois, de

² Mestrado em Estudos Literários – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

acordo com a determinação da cultura dominante, caracteriza-se como um trabalho inferior e não admirado pela sociedade, como a profissão de um médico, advogado ou engenheiro, por exemplo.

Outro ponto relevante é o centro de estudo da Cultura Popular, que se desenvolve âmbito de mudanças, lugar em que ocorre transformações através da força das relações de poder e de dominação cultural.

A Cultura Popular sofre, intensamente, diversas mudanças, remodelações feitas pela indústria cultural, de forma repetitiva e seletiva, com o objetivo de impor tais definições/remodelações sobre a própria cultura de um povo, adequando-a ao modo capitalista (talvez por conta deste motivo que é complexo definir o que é de fato popular ou não). É nesse jogo duplo de contenção e resistência da Cultura Popular – por meio de um reforçamento das tradições – que a Cultura Popular se constitui.

Com a tese de Doutorado sobre a “tecitura” da vida de Morena Teixeira, artista dotada de múltiplos talentos, percebe-se o quanto é presente a resistência de sua identidade e de seu povo nordestino por meio da tradição e da preservação da memória, com narrações de lendas que

foram transmitidas de gerações em gerações (o lindíssimo conto do Barba Azul), cânticos, performances, bordados, bonecas de pano, etc.

Ao contrário da cultura de massa, caracterizada como uma “anticultura” (pois não há uma identidade preservada), que “rouba” um pouco de cada tipo de cultura, transformando-a em um produto, visando apenas no lucro, a Cultura Popular transborda identidade, a preservação das tradições e crenças como forma de resistência de um povo ao capitalismo e suas imposições.

Com a apresentação do projeto de pós doutorado percebi que, através dos conceitos sobre história oral de vida, a identidade do entrevistado é resguardada, e a ele é oferecido todo o espaço para que possa se expressar, sendo ouvido com muito respeito e sem qualquer questionamento.

É interessante pensar que, além da Cultura Popular do nordeste revelar uma forte valorização à crença e à devoção que os romeiros possuem pelo Padrinho Cícero, há uma preservação de uma figura histórica que contribuiu politicamente e culturalmente, simbolizando a religiosidade do nordestino até os dias de hoje, ou seja, o povo preserva

sua própria história, apesar dos desafios que o mundo atual oferece e tenta apagar suas raízes.

Agradeço extremamente ao professor Jairo por compartilhar suas pesquisas e apresenta-las de modo tão respeitoso e prazeroso, por mais que não seja pessoalmente, é nítido que o professor é a verdadeira definição da pessoa que realmente aprecia aquilo que faz, meus parabéns pelas aulas e muito sucesso em sua caminhada.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

CULTURA POPULAR E PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Cristina Pereira da Silva³

A pesquisa em ciências humanas, mesmo que em seu nome já traga em si esse sentido de humanização, na maioria das vezes preza-se muito pelo teor científico, teórico e pelos protocolos acadêmicos e deixa-se de lado essa humanização. Para mim isso sempre foi uma questão: Como fazer pesquisa em ciências humanas sem deixar com que o teor científico, a teoria e os protocolos acadêmicos encubram o que tem de mais importante nessa área que é o humano? E quando falamos sobre cultura popular oral ou literatura oral essa questão me pega ainda mais, pois aí o próprio corpus se faz humano, com a voz, com a performance, com o corpo, e esse dilema me faz repensar sempre em como trazer a emoção e a força humana de uma performance para dentro de um trabalho científico.

A disciplina “Cultura popular Nordestina”, ministrada pelo professor Jairo contribuiu muito para que

³ Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina-UEL

essas questões fossem mais claras na minha cabeça. Conhecer a pesquisa do professor sobre Morena Teixeira me fez ver além dos muros das normas acadêmicas e teorias, mas sem deixá-las de lado. O curso em si permitiu uma compreensão muito maior do que é fazer pesquisa em ciências humanas, sobretudo na área de letras, da literatura, da cultura oral.

No texto de Stuart Hall (2003), importantes reflexões são trazidas pelo autor acerca do termo cultura popular, que pode assumir diferentes sentidos. Sabemos que a literatura oral, é vista como algo menor mediante a supremacia da escrita na sociedade. A cultura popular também carrega essa depreciação diante do cânone e de uma sociedade elitista que tacha o popular como algo menor.

O nosso intuito, por delimitar o nosso trabalho no campo do popular, se deu por vários motivos: além do hiato existente de pesquisas naquele importante espaço de produção de arte popular de Alagoas, realizamos um estudo que pretendeu registrar e, quem sabe, imortalizar, através desta tese, uma personalidade que, não fosse pelas nossas mãos, certamente permaneceria

na invisibilidade, como vários/as brasileiros/as que produziram arte, mas que não foram considerados/as pela academia e passaram despercebidos/as ao longo do tempo, como se fossem invisíveis ou como se quisessem os/as inviabilizar. (COSTA, 2019, p. 21)

A cultura popular é um campo de resistência, no sentido de re-existir, de continuar a existir e de se fazer visto e valorizado. Trazer a literatura oral e cultura popular para o campo científico é fazer com essas sejam cada vez mais vistas e valorizadas.

Os vídeos e filmes passados durante o curso foram extremamente emocionantes para mim. Eu que venho de uma família que carrega consigo histórias ancestrais, rezas e crenças religiosas, me emocionei muito principalmente com o vídeo sobre os romeiros de Padre Cícero e com a reza realizada por Morena. As festas religiosas tão lindas da cultura popular brasileira é um tema que me encanta muito.

Destacamos o poder da tradição oral, atravessando o universo religioso do catolicismo popular no Sertão do São Francisco. Há o que se pode escrever e o que não se pode. Nesse sentido, em se tratando de questões místicas e

religiosas, há uma aproximação cultural dessa postura de Morena Teixeira, que se aproxima das singularidades indígenas e das religiões de matriz africanas como já anunciado anteriormente. A oralidade é a forma da tradição ser repassada de uma pessoa para outra, sem medo de se perder porque tais ensinamentos tradicionais são transmitidos e, mesmo com a chegada da modernidade, eles sobrevivem, resistem e cumprem o seu papel. (COSTA, 2019, p. 152).

A pesquisa sobre Morena realizada pelo professor Jairo também me emocionou muito, não só pela pessoa de Morena e pela força que suas narrativas orais possuem, bem como suas rezas, mas também porque essa pesquisa traz o tom humano que eu acredito que a pesquisa em ciências humanas deve ter. Um traço que revela a beleza do que é humano, nesse caso, das narrativas e saberes humanos tão ricos desse nosso Brasil.

A disciplina inteira teve esse traço de humanidade, de valorização do íntimo do ser, da individualidade das culturas, dos povos e de sua importância. O jogral com o texto teórico “Manual de História Oral”, de Meihy (1996), em que a fala de cada um se fez presente na leitura do texto, nos fazendo não apenas entender a teoria, mas vivenciar a

leitura dessa teoria sentindo e ouvindo as entonações e inflexões das vozes dos nossos colegas de turma.

A disciplina foi linda, me despertou para uma nova forma de fazer pesquisa sobre a performance e a literatura, objetos da minha pesquisa de mestrado e que muitas vezes me deixava presa a teoria e com receio de fazer com que o objeto se sobressaia a teoria sem que esta fique de fora. O texto de Meihy, também nos deu subsídios para que cada passo da pesquisa em literatura oral fosse entendido de forma a possibilitar e facilitar o trabalho com o objeto de estudo.

Foi uma disciplina encantadora, que muito me agregou, sobretudo no que diz respeito a performance e os estudos científicos acerca dela.

Referências

COSTA, Jairo José Campos da. *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*. Orientadora: Dra. Lúcia Osana Zolin. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CHLA) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2019.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

A GRANDIOSIDADE DAS PEQUENAS COISAS: ATRAVESSAMENTOS DOS ESTUDOS AVANÇADOS EM CULTURA POPULAR NORDESTINA

Andreza Pereira Dias Ramos⁴

Início esse texto com agradecimentos ao professor Dr. Jairo José Campos da Costa, que conseguiu, apesar da distância e da falta do olho no olho, fazer com que alunos do Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil pudessem se aproximar dos encantamentos da cultura popular nordestina.

Embora esse curso tenha sido realizado dentro do ambiente acadêmico, o qual, como o próprio professor Jairo apontou, requer um rigor científico, os sorrisos e olhos cheios d'água foram inevitáveis. Entrar em contato com a cultura popular sempre me causa bons arrepios, afinal, ela ocupa lugares, muitas vezes, desconhecidos por mim. Lembrei-me das minhas avós em diversos momentos das aulas, principalmente quando assistimos à Morena Teixeira,

⁴ Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, Universidade Estadual de Londrina-UEL

que possui uma memória admirável, encantando seus ouvintes com a potência de sua voz. Esses homens e mulheres, tantas vezes deixados em segundo plano nos estudos acadêmicos, emergem em nossa frente nos mostrando que suas vozes, memórias e histórias devem ser preservados, estudados e encarados não só com olhares fascinados, mas também de forma crítica, a fim de serem tratados como manifestações importantes da nossa cultura.

A partir disso volto no questionamento feito por Jean-Noël Pellen (2001), em “Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto”: deve-se acreditar na memória da literatura oral?. E afirmo, depois de todo aprendizado adquirido em nossas aulas, que sim, devemos acreditar na memória da literatura oral, na medida em que essa estrutura e elabora comunidades, estabelecendo um eixo cultural no qual indivíduos se organizam, coletivamente, em prol da preservação de suas histórias. Assim, ainda que muitas dessas narrativas sejam inventadas, há um objetivo em preservá-las e transmiti-las: a manutenção desses grupos. Tanto as bonecas de pano de Morena, quanto o trabalho em barro da Dona Irinéia e do falecido Seu Antônio, carregam

ensinamentos valiosos e histórias de vida impossíveis de serem agrupadas em textos escritos.

Nesse sentido, a cultura popular atua, junto à memória da literatura oral, na resistência dessas comunidades contra o sistema que tenta, incansavelmente, incorporá-los à lógica capitalista, como apontado por Hall (2003). Ao produzirem trabalhos na madeira e no barro, bordarem tecidos e costurarem bonecas, essas pessoas elaboram narrativas de vida que resistem aos interesses do capital, distanciando-os do efêmero e tornando-os verdadeiros guardiões da cultura popular.

Saio desse curso muito inspirada pelo trabalho do professor Jairo, que faz um registro sublime da cultura popular nordestina. Vejo esse trabalho não só como fundamental para o enriquecimento da comunidade científica, mas principalmente como um grande incentivador de práticas de valorização da cultura popular.

Assim, olho agora para a cultura popular com olhos mais interessados, atentos e curiosos, em uma tentativa de desbravar caminhos e territórios silenciosos, e busco compartilhar os ensinamentos aprendidos com aqueles que estão próximos a mim, para que assim possamos entender, juntos, a grandiosidade das pequenas coisas.

Referências:

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PELEN, Jean-Noël. *Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto*. Trad. Maria T. Sampaio. *História e oralidade (PUC-SP)* v.22, p. 49-77, 2001.

IMPRESSÕES SOBRE O CURSO DE CULTURA POPULAR

Bruno Alexandre Matsushita⁵

Sob coordenação do professor doutor Jairo José Campos da Costa, o curso foi muito importante para mim, uma vez que tenho outra linha de pesquisa e pude ter contato com outras teorias e impressões/expressões sociais. Logo na primeira aula, confesso que me senti bastante à vontade com o professor e sua forma de conduzir a aula, pois me lembrou muito o jeito de minha melhor amiga, que nasceu e morou em Uruçuca, perto de Ilhéus, na Bahia, e fez com que eu tivesse uma empatia gratuita... Talvez por isso, talvez pelo jeito descontraído, mas sempre comprometido com seu objetivo em ensinar, as aulas eram muito proveitosas, principalmente pelas discussões e experiências que o professor trouxe a todos nós, uma vez que aquelas vivências não são habituais para nós que moramos no interior do Paraná.

⁵ Doutorando em Letras – UEL

Um dos aspectos que mais me chamou atenção durante o curso foi o caráter artístico e o valor que se atribui ao que é considerado objeto desta arte. As reflexões me lembraram bastante o que a professora Márcia Abreu, da UNICAMP, comenta em seu livro *Cultura Letrada*: “(...) a literariedade não está apenas no texto – os mais radicais dirão: não está nunca no texto – e sim na maneira como ele é lido. (...) Saber que algo é tido como literário provoca certo tipo de leitura” (ABREU, 2006, p.29). Percebi que o mesmo acontece com a arte produzida no Nordeste e exposta pelo professor, a partir do momento em que o grande público sabe da existência de uma arte que é avalizada por um crítico especializado, isso passa a agregar valor ao produto artístico. Citando, mais uma vez, a fala de Abreu (2006, p.49): “Fica claro que a qualidade literária do texto não é critério absoluto. (...) mais do que o texto, são os conhecimentos prévios que temos sobre seu autor, seu lugar na tradição literária, seu prestígio (etc.) que dirigem nossa leitura”, ou seja, saber que determinado objeto possui um valor artístico, já direciona a leitura que fazemos dele e, conseqüentemente, seu valor simbólico. Essas experiências confirmam que, embora seja um tipo específico de arte (uma vez que o professor apresentou a nós objetos que

representam diferentes tipos de arte), muito diferente da literária, os processos políticos que permeiam sua distribuição e valorização são os mesmos.

Convergindo a esse pensamento, me lembrei também das aulas de teoria literária, quando cursei graduação na UEM, em que os professores diziam que o conceito de literatura (e, conseqüentemente, o que é tido como literário) vai se formando com as tradições e cultura de determinado momento histórico. O termo “literatura”, no passado, era utilizado para referir-se a qualquer estudo de área específica, era mais uma característica de alguém que sabia ler e escrever, em tempos em que pouquíssimas pessoas eram dotadas de tais habilidades, do que do objeto por si mesmo. Vemos resquícios disso quando nos deparamos com expressões como “literatura médica”. Algumas correntes textualistas, como o Formalismo Russo e o *New Criticism*, buscam no próprio texto marcas de sua literariedade, desconsiderando nesse processo de reconhecimento o leitor e suas impressões (como o que aponta o sistema literário apresentado por Antonio Cândido). É preciso entender que o que consideramos hoje como texto literário nem sempre o foi, por exemplo, Os Sermões, do Padre Antonio Vieira, tinha um caráter

extremamente doutrinário, com fins religiosos; Os Sertões, de Euclides da Cunha, embora seja um texto literário, tem um forte apelo científico e histórico que muitas vezes não é percebido pelo leitor comum. Ou seja, convergindo com os apontamentos feitos inicialmente pela Márcia Abreu, o valor simbólico não está intrínseco à obra artística, mas é mensurado, construído e quantificado por meio das relações de poder que permeiam a cultura. Este curso foi extremamente importante para nos (re) lembrar que essas relações devem ser conscientes a todos que lidam com a arte.

Por fim, agradeço a você, professor, e aos colegas de turma, pela oportunidade de aprender sobre uma outra cultura e saiba que você foi muito importante neste período complicado que estamos vivendo, de pandemia, pois deu um “respiro”, oxigenou, o que antes parecia estagnado e plástico.

Referências:

ABREU, Marcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.

A ARTE E A MANIFESTAÇÃO DAS VIVÊNCIAS NA CULTURA POPULAR

Cleidi Strenske⁶

A memória está para a oralidade como o valor essencial na manutenção de culturas populares e valores artísticos difundidos entre determinada comunidade. Fundamos nossa identidade nessa cultura, reconhecemos-nos como parte indissociável do meio que vivemos e, por isso, somos moldados pelo ambiente, ao mesmo tempo em que somos agentes de transformação social da comunidade na qual circulamos. Este é, certamente, um aprendizado repassado pelo Prof. Dr. Jairo José Campos da Costa ao longo das aulas de Estudos Avançados do PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. Além disso, as aulas ministradas expõem os modelos, bem como a importância documental de pesquisas que primam pelo cuidado com os dados fornecidos pelos entrevistados, seguindo um tratamento

⁶ Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina-UEL

rígido que endossa as análises dos trabalhos desenvolvidos, o que acrescenta valor científico e sociocultural ao trabalho.

Fica evidente que a índole do trabalho é o compromisso com o material humano, que transita entre conteúdo/acervo de pesquisa e relatos de cunho íntimo. O modo como o pesquisador busca, arquiva e, na sequência, apresenta estes dados é cercado por escolhas, seja pelo propósito de dar voz as culturas populares, normalmente restritas as pequenas comunidades das quais fazem parte, seja pela ampliação de abordagem metodológica. Ainda, há o respeito aos modos de divulgação mais abrangentes e democráticos, contemplando a apresentação feita por meio de curtas-metragens exibidos em praça pública, que possibilitam o contato com o mundo externo, e expõe a importância dos artistas locais. Diante do exposto, podemos dizer que cada vez mais os estudos aproximam mundividências e transformam a realidade dos envolvidos. Para Costa (2019) esta dinâmica atinge o sertanejo:

a qual assim se resume: as pessoas do Sertão nordestino, mesmo as que não tiveram a oportunidade do contato com a instrução formal, sobretudo as comunidades ribeirinhas da região do

Baixo São Francisco, com seus saberes e fazeres tradicionais, alguns perpetuados, constituem uma das maiores fontes de construção da cultura e da identidade alagoana, mesmo com uma cada vez mais forte interferência do mundo globalizado. (COSTA, 2019, p. 27)

É importante notar que os modelos de veiculação acadêmicos muitas vezes se restringem a própria academia, já que a linguagem utilizada seleciona o público alvo, mas, é possível atingir a difusão ampliada feita por escolhas alternativas eficientes como a mencionada anteriormente. No caso, para a pesquisador o compromisso assumido com as comunidades em que atua exige o reconhecimento de dificuldades de acesso aos trabalhos, o que impõe outros modelos de transmissão de resultados. O trabalho de elaboração de curtas-metragens, muitas vezes divulgados em praça pública, também inclui exposição e amostras itinerantes da arte da Ilha do Ferro, além das aulas, que cumprem papéis simultâneos, a saber, o de divulgação das pesquisas, incluindo material sobre metodologia, procedimentos éticos entre outros, e o de compartilhar a Arte presente nas comunidades.

A retórica das aulas, motivada pela metodologia reflexiva, alcança as origens da docência, essencialmente oral. Os alunos puderam acompanhar as etapas de produção de resultados da pesquisa por meio da leitura de trechos da tese disponibilizada pelo professor. As aulas espelham o modelo de trabalho escolhido para desenvolver a pesquisa e as temáticas elencadas foram apresentadas gradualmente. Para os alunos isso tem funções distintas: primeiro, entendemos que a oralidade ainda é o suporte de adaptações, de atualização e de compartilhamento de histórias de cultura popular, além de ser uma forma eficaz de repassar os conhecimentos acumulados pelas vivências aos jovens. Depois, tomamos a consciência de que o domínio oral é para nós, dentro do meio acadêmico, um gênero atual capaz de produzir e atingir variados níveis de compreensão, o que, no ato de lecionar, torna-se impossível substituir.

Os procedimentos realizados ao longo das aulas têm um caráter metalinguístico, já que a oralidade também é a própria metodologia das entrevistas feitas nas áreas de pesquisa sobre oralidade e cultura popular como temas. Para tanto, o trabalho deve respeitar o anonimato dos entrevistados, além de primar pela leitura e reflexão

fidedignas dos relatos, sempre seguindo protocolos que permitam a divulgação dos entrevistados.

No caso da artista Morena Teixeira, houve uma simbiose entre o registro de uma pesquisa e a divulgação do seu trabalho. Em outras palavras, a pesquisa cumpriu duas funções: divulgar a existência da artista e registrar a sua atuação artística. Nesse sentido, os processos de significação aconteceram no ato das entrevistas, performances ou, ainda, declamações feitas pela poetisa, mas reverberam nos movimentos sociais nos quais ela está inserida. Para Costa (2019):

Com essa perspectiva, analisamos a produção literária da artista, mediante a compreensão dos valores do lugar e do processo de construção de identidades, a partir de elementos suscitados, ainda que discretamente, em suas obras. Investigamos os poemas e as narrativas, orais e escritas, as bonecas de pano, os desenhos e as performances da artista como marcas, materialidades desse processo de construção de identidade – identificação – sempre incompleto, sempre em continuação, não acabado, não concluído, não fixo, portanto, em constante movimento. (COSTA, 2019, p. 30)

Dito isso, os temas das aulas foram distribuídos em poesia popular, de Morena Teixeira, a arte do bordado boa noite, da Ilha do Ferro, e sobre a pesquisa, em andamento, com relatos dos romeiros que visitam o santuário de Pe. Cícero, localizado em Juazeiro do Norte - CE. Ao tratar da poesia de Morena Teixeira, houve a contextualização feita pela apresentação de um vídeo em que foi possível identificar a localização da comunidade, origem da artista. Depois, com a leitura de partes do trabalho, houve o contato com a arte da poetisa que, entre outros assuntos, aborda a realidade do povo da região ribeirinha do Rio São Francisco. Além de usar sua poética para oferecer ensinamentos orais sobre convivência e religião, a arte emociona pela força argumentativa que exprime e pela performance fundamentais para alcançar a literalidade.

Alçado pela poesia de Morena Teixeira o conteúdo avançou para além do texto com a linguagem oral. Desta vez, a abordagem incluiu a arte em tecidos, chamado de bordado boa noite. O tema da aula seguiu o rastro das rodas de conversa em torno do aprendizado de tal habilidade, esta pertencente aos moradores do povoado, mas que se mostra como mais uma das formas artísticas típicas daquele povo. De modo geral, a Ilha do Ferro produz Arte de artefatos,

vistos por leigos como desprovidos de qualquer feito artístico. No entanto, isso já coloca os artistas da localidade em posição singular, já que são formadores de Arte Popular e possuem, ainda, a criatividade e a destreza para manusear múltiplas matérias primas, tais como: tecido, madeira e barro.

Se por um lado as pesquisas sobre arte popular ampliam a recepção desta arte, ao apresentar artistas de regiões longínquas ao público urbano de grandes centros, o contato também produz novos/outros paradigmas para estes artistas:

Esse mergulho proposto permite interpretar como esses valores culturais são (re)construídos, (res)significados; metaforiza-se como um caminho de interpretação da cultura local, e suas manifestações na arte expressa, de diferentes maneiras e formatos, quando se pensa o todo da obra da artista. (COSTA, 2019 p. 30)

O conjunto destas características torna a comunidade singular, sendo composta por um amplo grupo de artistas concentrados na mesma localidade, o que provoca o interesse de um público consumidor pouco

familiarizado com as origens e os sentidos particulares que cada peça produz. Dito de outro modo, para os habitantes locais e para a crítica de arte popular a vivência *in loco* complementa a singularidade da arte e abarca a experimentação do artista. Tal aspecto acarreta tipos diferentes de recepção desta arte, isso porque, quando adquiridas distantes do local de produção, é neutralizado na peça o conjunto de fatores que motivaram a sua feitura. Portanto, a manifestação artística sofreria uma perda de sentidos, decorrente do desconhecimento da cultura e contexto a qual pertence. Por outro lado, esta arte é carregada de simbologia e historicidade sendo desejável a recuperação do contexto de produção, da forma de expressão e do seu povoado de origem. Neste caso, as exigências na metodologia, bem como a difusão das pesquisas sobre as temáticas de cultura popular, podem significar um avanço salutar, pois os dados fariam a ponte entre as distâncias socioculturais e geográficas. A busca e as pesquisas constantes auxiliariam no reconhecimento do valor artístico das obras e respeitam os fundamentos que originaram cada método de produção, o que pode ser o caminho para proporcionar o contato da poética da manifestação artística popular e valorizar suas

representações muito além do plano simbólico, reconhecendo sua potência como síntese de determinadas comunidades.

O olhar do pesquisador nesse ínterim faz toda a diferença. Foi assim que “descobrimos” o lugar de produção e lá a artista em estudo, Morena Teixeira, conhecida pela forma como, através de uma multifacetada obra poética, narrativa e visual estabelece comunicação, reafirmação ou condenação de determinadas ideologias, além da criação de novos olhares e pontos de vista. A partir de sua obra (só a parte escrita, contabilizamos 10 cadernos – pequenos e grandes – grafados à mão), podemos compreender como os valores da sociedade local são transmitidos de geração a geração, espécie de amálgama das tradições locais em um processo de construção de identidades culturais. (COSTA, 2019, p. 29)

Esta percepção também é expressa na apresentação do Professor Jairo José Campos da Costa de sua pesquisa em andamento sobre o Pe. Cícero acerca dos romeiros que

visitam o local de peregrinação em Juazeiro do Norte – CE. Neste caso, a exposição privilegiou as discussões sobre ética e metodologia de pesquisa. O grupo de estudantes promoveu a leitura de conceitos para o contato pessoal, modos de abordagem e direcionamento de aquisição dos relatos. O momento foi importante, pois há no grupo muitos estudantes com o desafio de compor um *corpus* a partir da pesquisa de campo. Outros tiveram a oportunidade de aprofundar conhecimentos relativos ao sincretismo religioso tão marcados na cultura popular brasileira. Para tanto, faz-se necessário aguardar os resultados do trabalho em andamento de Costa para o aprofundamento do tema.

Ademais, a disciplina ministrada pelo professor contribuiu para o aprofundamento das teorias sobre cultura popular e literatura oral. Ainda a apresentou modelos e métodos que podem ser seguidos e adaptados pelos discentes em suas pesquisas atuais e/ou futuras.

Referência:

COSTA, Jairo José Campos da. *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*. Orientadora: Dra. Lúcia Osana Zolin. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CHLA) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2019.

A CULTURA ORAL COMO ESSÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UM POVO

Eduardo Luiz Baccharin-Costa⁷

Com quantas histórias orais se constrói um povo? Com quantas pinturas, esculturas, cerâmicas se mesura a cultura de uma comunidade? De que maneira rezas e bordados são instrumentos de cultura popular e de preservação da identidade cultural de um determinado grupo social? Oralidade e artes manuais, formas diferentes de imortalizar a escrita, se imbricam em que nível na chamada cultura popular? Essas perguntas eu trazia internalizado em mim até o ter contato mais de perto com a cultura oral nordestina, especialmente a da Ilha do Ferro.

Mesmo tendo tido um pequeno contato com a literatura de cordel, ao conhecer mais os museus populares de Alagoas e Rio Grande do Norte minha visão de cultura popular foi bastante ampliada e pude conhecer um pouco mais de perto as mais variadas manifestações nordestinas.

⁷ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina.

Manifestações estas que poderiam ser consideradas raízes, da mais genuína expressão cultural de um povo.

Conhecer de perto a produção da Ilha do Ferro ou da artesã e poetisa Morena Teixeira foi gratificante. A simplicidade aparente da anciã, objeto da tese de doutorado de Jairo José Campos da Costa, é tocante. Chamo de simplicidade aparente, porque a obra de Morena Teixeira, ainda que com traços simples, narra histórias lindas, de significados profundos a traduzir a existência humana. No caso específico, a existência de quem teima em produzir arte num mundo que aparentemente desiste da emotividade.

Creio que esta é a questão fulcral do trabalho do professor Jairo. Trazer à lume as demonstrações culturais mais puras, mais sinceras, mas não de menor valor. Num mundo de pós-verdades, de certezas líquidas, de convicções estabelecidas a partir de redes sociais, a “cultura chão”, a cultura raiz é a forma mais doce de resistir. Resistir e persistir.

Questão que permanece como marca de uma vida toda na carreira acadêmica de Jairo Costa. Em seu projeto de pós-doutorado, por exemplo, salienta a importância da

oralidade como forma de resistência, e mostra como as manifestações religiosas traduzem bem não só a poética da oralidade como a cultura popular na sua forma mais simples, mas não menos complexa. Nas suas palavras, em seus estudos posteriores a sua tese pretende, “dar voz aos/às silenciados/as e invisibilizados/as, atores/atrizes sociais que perpetuam o fenômeno das romarias e corroboram o processo de santidade do Padim Ciço, independente do processo canônico, oficial, de santificação, adotado pela Igreja Católica Apostólica Romana. A voz, nessa perspectiva, é compreendida como (...) “querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria...” (...) (ZUMTHOR, 2010, p. 09).”

Em tempos nos quais o parecer está valendo mais que o ser, abrir espaços para essas manifestações culturais é quase dar vida a uma utopia. Jairo faz isso. Ao abrir museus com o trabalho dos artesãos, poetas, benzedeiros e prosadores das pequenas comunidades de Alagoas e Rio Grande do Norte, o pesquisador permite que a arte transborde aos olhos da maneira mais natural possível:

inquietante, intrigante, mas ao mesmo tempo agitadora e transformadora.

Porém, como todo apaixonado pela cultura, não se contenta em catalogar e trazer à luz esse verdadeiro tesouro que transborda na Ilha do Ferro e na obra de Morena Teixeira. Ao contrário, instiga, provoca, incita a que outros pesquisadores mergulhem nessa vereda, mostrando o quão rico e prazeroso será investigar novos autores e propostas de oralidade e cultura popular por esse país continental. Dentro de um escopo altamente ético, como deve ser qualquer pesquisa científica.

Por isso, além de nos presentear com o trabalho de Morena e dos artesãos da Ilha do Ferro, Costa faz questão de mostrar como sua pesquisa foi pautada em linhas absolutamente éticas, dentro do padrão exigido pela comunidade científica e também faz questão de alertar aos novos a necessidade de se manter num movimento rigorosamente bem traçado e delimitado.

Durante o curso ministrado por Jairo Costa, ele também mostrou como ocorrem roubos de patente e como é fundamental não apenas respeitarmos a autoria do trabalho como também denunciar casos de apropriação

indébita. Não há como não se indignar diante do relato de ver num país desenvolvido com a Bélgica, pessoas se apossando do trabalho alheio, crendo numa impunidade eventual. Esse facho de luz alerta para o mundo aético que estamos mergulhados, e como é fundamental sermos o diferencial nele.

Como diria Rubem Fonseca, foram várias emoções e sentimentos imperfeitos nos quatro dias em que partilhamos experiências e que pode enriquecer meu conhecimento conhecendo um pouco mais da Cultura Popular Nordestina, e dos seus valores, dos seus museus, da sua poética oral. Graças ao professor Jairo pude mergulhar, mesmo rapidamente, nesse verdadeiro mar transbordante que é a Cultura Popular Nordestina.

Referência:

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à Poesia Oral*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

PARA ALÉM DO QUE SEI, O QUE SOU

Igor da Rocha Gulicz⁸

Começo este texto dizendo que, apesar de isto ser parte de uma avaliação, escrevo-o, sobretudo, como um relato, porque não vejo maneira mais natural de explicar o que representou a disciplina de Cultura Popular do Nordeste, para mim, do que narrando a experiência como um todo, do meu ponto de vista.

Na primeira aula, o professor Jairo nos perguntou, um a um, “Por que você está cursando essa disciplina?”. Isso, por si só, me deixou extremamente pensativo, afinal, eu imaginava que poderia haver, em certa medida, pontos de contato entre o estudo de cultura popular e aquilo o que eu busco pesquisar ao longo do mestrado, que são as relações do riso com a literatura. Porém, ainda assim, isso era algo secundário, era apenas uma possibilidade. Fato é que eu não sabia o porquê. E saber que eu não sabia foi

⁸ Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários), da Universidade Estadual de Londrina-UUEL

essencial, porque, a partir daí, eu não estava mais apenas aprendendo, eu estava em uma busca pessoal por significados.

A princípio, comecei a refletir quanto às relações entre a cultura popular e a sociedade, o que me deixou pensando na influência da força dominante do capital sobre todas as outras culturas. Até esse ponto, ainda era apenas mais conteúdo acadêmico, ainda que muito relevante e interessante, não me havia tocado diretamente.

Entretanto, tudo mudou a partir da segunda aula, quando entramos no conteúdo diretamente relacionado à Ilha do Ferro, porque de lá pra cá, esse conhecimento foi saindo da esfera acadêmica (ainda que mantendo seu aspecto científico) e se tornando algo que dialogava diretamente comigo, não para que eu aprendesse teorias sobre aquilo, mas para que eu, de fato, conhecesse o que estava me sendo apresentado ali. Dessa forma, diversos preconceitos foram se desfazendo em mim, me mostrando o real valor da cultura popular, no que diz respeito a sua produção artesanal e adaptação aos contextos em que estão inseridas.

Houve ainda um conteúdo que se desprende, em partes, dos elementos culturais que, até então, estavam nos acompanhando. Foi um dia voltado à metodologia de pesquisa de narrativas orais, o que, embora seja totalmente ligado ao assunto, envolve questões muito mais técnicas e burocráticas do que o que estávamos vendo até então. Foi bastante interessante perceber o quanto o rigor científico é necessário para a validação de materiais pesquisados em campo, o que, para mim, também foi novidade, visto que nunca participei de nada do tipo.

Após essa aula, também tive um outro choque de realidade quando adentramos no conteúdo referente às romarias do Padre Cícero, pois, para mim, que não conheço os ritos católicos e nunca conheci o Nordeste, esse era apenas um evento religioso comum, como ir a uma missa. Ao entender a dimensão das romarias e a sua profundidade na formação identitária de toda uma nação, fiquei perplexo, pois, dada a sua grandiosidade na tradição brasileira, é algo que deveria ser muito mais difundido e ensinado a nós, que fazemos parte disso. Infelizmente, não é o que acontece e, assim, seguimos sem conhecer nossa própria cultura.

Por fim, todas essas discussões, associadas aos relatos de pesquisa do professor e seu envolvimento

emocional com o tema, me abriram os olhos para a riqueza de uma cultura tão próxima a mim, mas que esteve, desde sempre, oculta por véus invisíveis impostos por uma sociedade organizada ao redor do capital que tudo homogeneiza, sempre atrás do que lhe é mais rentável, indiferente das perdas culturais que se empilham aos lados dessa trilha de descaso.

Em resumo, talvez eu nunca chegue a aplicar academicamente os conhecimentos adquiridos nessa disciplina, mas ela com certeza me impactou em um nível ainda mais profundo, mudando não só o que eu sei, mas quem eu sou.

Referências:

COSTA, Jairo José Campos da. *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*. Orientadora: Profª. Dra. Lúcia Osana Zolin. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, Universidade Estadual de Maringá – UEM, Paraná, 2019.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

O FIO INFINITO DA RE-EXISTÊNCIA

Jhenifer Emanuely Rodrigues dos Santos⁹

Ninguém bate na porta. Ela está sempre aberta para o compartilhar de histórias, de prosas, de palavras, de broncas, de conselhos e de benzas. No branco papel, um homem negro, nordestino, de cabelos crespos grisalhos (re)pinta, na arte da palavra, o rosto, o gesto, a vida marcada da mulher nordestina, escrita entrelinhada no corpo-ser-que-(re)existe. Bem diferente da personagem Macabéa, de *A Hora da Estrela*, narrada, dita e disciplinada pelo outro, uma mulher que de Morena epíteto recebe, se apresenta. Desenhada, por Deus, protegida por Padre Cícero, abre a porta de sua casa e exala arte janela afora.

No coração da Ilha do Ferro, se faz morada. No minúsculo espaço do tamanho do universo, uma mulher guarda no sorriso e no olhar a felicidade da trama da vida. Costureira de renda e de bonecas; de passo arrastado e fala

⁹ Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina-UEL

extensa, aparentemente recolhida em alcova residual, como típica narradora “camponesa sedentária” benjaminiana, a mulher costura a vida com fio de ferro, e como artesã alinhava com sabedoria sua existência, seus costumes, suas crenças.

E isso não tem valor? O homem que parado estava a só olhar a narradora dizer, registra em seu bloco de notas, as seguintes palavras: vida, arte e (re)existência. Pensa a sua história e a dos seus, vê na beleza da literatura um encontro em comum de positividade da escrita textual e da vivência no popular. Ora, seus mais velhos realçam a importância da tradição oral ao prosearem horas, sentados à sala, acompanhados do café da tarde; ora, seus mais novos solicitam acessar esse universo, pois residentes no capitalismo são devorados massivamente pelo tempo e temem perder a essência do ouvir o outro. Nessa linha tênue, o destemido mestre apanha suas anotações e crava no aqui-agora, a história dos seus, que são nossos. Passada de gerações as histórias das mais velhas ecoam no presente de sua escrita desobediência e resistência.

No limite vida-morte é certo esse movimento. Resistir de alguma maneira: é preciso. Pois, como sustentar a amargura, o desespero e a substancialidade desse mundo,

senão no fio da vida e no imaginário, no contar e na alteridade que voga por não se perder? A maré do viver tece na escrita e sustenta na linguagem a forma-corpo de cicatrizar feridas expostas, apagamentos, dores e alegrias.

O mestre prefere não se identificar, aprecia o anonimato. Pronuncia particularmente o apreço pelo adjetivo que acompanha sua aura: destemido. E, sem temer julgamentos, pede que a partir dali os holofotes sigam o halo de Morena. Morena sai do micro ao macro transcorrendo vidas que atravessam a margem do Velho Chico. E o pequeno grande universo, da ilha que não é ilha reverbera causos, escutas, palavras: arte.

Do movimento que é cura evocado nos instantes da vida, a tradição oral faz e continuará a fazer morada em nossos lares, em nossas famílias e em nossas comunidades. A arte de mulheres como Morena Teixeira expande horizontes. De boca a ouvido rasura-se a noção de tempo mantendo viva a história de sujeitos que prezam pelos causos. Suas histórias deturpam o movimento veloz que aflige o sujeito inserido nesse espaço de pós-modernidade e/ ou modernidade tardia. Uma boneca, tecida por mãos artesãs, sai do coração de ferro atravessa o sertão alagoano e mostra que “o Sertão é do tamanho do mundo”.

Referências:

BENJAMIN, Walter. O Narrador. *In: Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2 ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

COSTA, Jairo José Campos da. *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*. Orientadora: Dra. Lúcia Osana Zolin. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CHLA) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2019.

GOMES, Heloisa Tollner. "Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro". Prefácio. *In: EVARISTO, Conceição. In: Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

KARANDASH. *Dona Morena*. Disponível em: http://www.karandash.com.br/pt/Autor/31/Dona_Morena. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 22 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

UNEAL. *Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos*. Disponível em: <http://www.uneal.edu.br/museus/MuseuIlhadoFerro>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

CULTURA POPULAR: VIDA E ARTE NA RAIZ DO SERTÃO

Maria Aparecida de Barros¹⁰

Falar sobre cultura em um país riquíssimo em diversidades e com inúmeras manifestações culturais não deveria ser um assunto difícil. Mas quando se esbarra na ideia equivocada de que a palavra cultura está ligada ao que é caro, aristocrático, ou vem de outros países, a tendência é empobrecer terrivelmente esse conceito.

Nesse sentido, importa trazer aqui o nosso entendimento do conceito de identidade cultural à luz de Hall (2003), quando afirma que a identidade é um processo que nunca termina, nunca se completa, pois ela reflete as experiências, códigos culturais compartilhados, ou seja, ela decorre da aprendizagem que é contínua e está sempre em evolução, ligada a um espaço.

Para Hall, “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura,

¹⁰ Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina-UEL

feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento.” (p. 70). Logo, ao identificar a palavra cultura como algo distante e só para pessoas com poder aquisitivo elevado, é não considerar a própria história e as experiências individuais e coletivas, é também desconsiderar o caráter mutante desse conceito.

A cultura popular brasileira também se insere na perspectiva da mudança, ao mesmo tempo em que resiste às produções em série e repetitivas propostas pelo capitalismo. Ela mantém um diálogo com suas raízes e com o tempo presente, de forma que a sua materialização representa o novo, com reflexos do passado. Para que haja esse diálogo é imprescindível romper fronteiras e estar aberto ao diferente, criando uma terceira forma, única e híbrida. (BHABHA, 1998).

A disciplina Manifestações de Literatura Popular no Baixo Rio São Francisco possibilitou inúmeras aprendizagens e fez lembrar tantas outras. É uma satisfação enorme ver a Academia estudando o que a cultura popular tem de mais especial, que é a alma de sua gente materializada em objetos tecidos e/ou esculpidos por mãos hábeis ou em cordéis e narrativas orais colhidas dos antepassados e ainda assim, sempre novas.

Conhecer Morena foi um grande prazer, lembrar outras “morenas” que passaram por minha infância, também foi uma dádiva. Elas me foram apresentadas por meio de histórias contadas pelos meus pais, retirantes de um nordeste árido e distante, que só conheço na imaginação, estimulada pelas cantorias e repentes, tão familiares.

Adquiri preciosos conhecimentos acadêmicos, referentes às entrevistas, análise de narrativas orais, questões de transcrição da oralidade, manifestações literárias de outras culturas e que serão muito úteis na escritura da minha tese, tive também, a oportunidade de obter conhecimentos para vida.

Reafirmei diversos valores ligados à preservação, respeito e admiração às artesãs e artesãos e objetos da cultura popular e da religiosidade. Reavivei a importância das rezas, benzimentos e expressões de fé, que em muitos momentos, devido aos ceticismos da vida acadêmica, acabo me distanciando. Fato gratificante e surpreendente, onde só se espera teorias e abstrações.

Posso afirmar que os objetivos propostos pela disciplina foram alcançados com êxito e com muitos bônus. Resta agradecer a generosidade da partilha dos

conhecimentos acadêmicos garimpados ao longo da vida e muito mais que isso, a partilha sensível e verdadeira de sentimentos e valores que sustentam e movem. Minha gratidão, como acadêmica e como pessoa. Esses conhecimentos não passarão, e ao visitar o Rio Grande do Norte vou acrescentar mais um roteiro a minha lista: Uma visita ao Museu na Rua da Matriz.

Referências:

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTUDO AVANÇADO: “MANIFESTAÇÕES DE LITERATURA POPULAR NO BAIXO RIO SÃO FRANCISCO”

Mateus Fernando de Oliveira¹¹

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”
José Saramago.

Embora a estrutura textual apresentada para tratar da disciplina seja a escrita formal, vejo-me diante do anseio de me libertar das “amarras acadêmicas” para tratar de todo esse conteúdo, conhecer a cultura popular sem sentir o desejo de botar os pés no chão e perambular pelo Brasil, após essa experiência me parece sem efeito, visto o quanto hoje aspiro conhecer o Povoado da Ilha do Ferro. Neste texto, não tenho por pretensão fazer uma síntese dos conteúdos abordados na disciplina, sobretudo, minha intenção é oferecer breves considerações sobre o quanto, hoje, a cultura nordestina me alcança, toca-me o imaginário, assim, trago de modo geral, considerações

¹¹ Doutorado/PPGL-Uel

sobre os efeitos da cultura popular quando alcança o coração do indivíduo, sem que a paisagem encontre seu olhar.

Senti-me instigado diante da proposta do estudo avançado, inicialmente, por conta da curiosidade em torno da cultura popular do Baixo Rio São Francisco. Sem dúvida, a cultura popular é um tema que seduz minha atenção, ainda mais, impulsionado pelas particularidades da região: sendo a foz do Rio São Francisco conduzida a desaguar no mar alto, em costa lisa, com a barra do rio arenosa sem acesso para barcos de calado, há um percurso histórico que, certamente, distingue-se de lugares onde o rio encontra o mar.

Outro ponto que chamava minha atenção no estudo avançado, seria encontrar uma possível relação com meu projeto de pesquisa, que, de certa forma, está ligado à noção de cultura popular, mas logo percebi que não havia pontos de encontros, visto que, o deslumbramento pela cultura popular surte, justamente, diante da percepção da pluralidade da cultura popular brasileira, tanto em termos de particularidades, quanto de expressões e performances, como na condução da voz nas manifestações literárias, ao qual os relatos se distinguem por particularidades ligadas à

crença, cultura local, influências regionais, e ainda, o resultado do hibridismo com outras culturas.

Logo nos primeiros encontros do estudo avançado, pude me ver sendo conduzido, a sobretudo, reparar nas coisas, tal como Saramago nos orienta na epígrafe que abre este texto, pois, reparar nos faz olhar com calma, debruçar a atenção sobre a cultura que se produz no Nordeste, além da experiência que é ouvir as exposições do Prof. Dr. Jairo José Campos da Costa, partilhas que soam como convites, ao qual em pouco tempo se torna perceptível o poder da narrativa oral, os tempos evoluíram e é graças à tecnologia que isso tudo foi possível, mas a voz, é sem dúvida a condutora de toda a partilha e memória.

Além de todo o fascínio despertado pelos relatos da disciplina, o estudo nos trouxe o entendimento acadêmico e metodológico em torno da História oral, tanto para fins de registro e análise de documentação colhida, ou ainda, para atualização, oferecendo versões de acontecimentos, permitindo, deste modo, o registro de vozes que são parte de minorias culturais. Segundo Meihy (1996), a História oral implica uma percepção do que ocorreu no passado como algo que reverbera no presente e, cujo processo histórico não está acabado, ao invés de apresentar mais

registros em “letra morta”, a História oral possibilita explicar a sociedade no tempo presente. Trata-se de um recurso moderno usado para estudos e elaboração de documentos referentes à vida social, o que, para o pesquisador da área de Letras emerge como mais uma possível ferramenta para coleta e análise de dados, ainda mais se refletirmos sobre as vantagens que os meios eletrônicos oferecem a esta orientação metodológica, tendo em vista, na História oral os meios eletrônicos serem ferramentas essenciais para o manejo e produção de documentos que permitirão a posteriori a análise de cunho social, destaca-se ainda, que a História oral atende a critérios como: obedecer a um sentido utilitário e dialogar com a comunidade.

Dados colhidos como depoimentos gravados são a base para a existência da História oral. Embora minha pesquisa não tenha ainda me levado a colher e registrar depoimentos, é notável a sensibilidade necessária por parte do pesquisador para o empenho desse exercício, tanto na condução da entrevista, como no trabalho de colher as informações e captar as modulações das vozes, que acabam por deixar transparecer emoções e memórias.

A disciplina nos trouxe ainda, o entendimento das etapas dos procedimentos de pesquisa em História oral, sendo um conjunto de ações que tem início a partir da elaboração de um projeto que tem continuidade a partir da definição do grupo de pessoas que será entrevistado, exigindo ainda o planejamento das gravações; a transcrição com conferência de depoimento; providenciar a autorização para uso e arquivamento do material colhido, e ainda, a publicação dos resultados, convertida em linguagem escrita a fim de facilitar o acesso, os estudos e reflexões, os resultados do trabalho de pesquisa, precisam ainda ser devidamente compartilhados com o grupo que forneceu os dados, algo que deveria vir como exigência a todo pesquisador: voltar-se, antes de mais nada, ao grupo que, de bom grado se dispôs a contribuir com o estudo.

O auge deste estudo foi conhecer a cultura alagoana, mais especificamente, por meio da tese “Morena Teixeira: o fio da palavra e a tessitura da vida” (2019), foi onde nos foi possível compreender toda a sensibilidade empenhada no estudo desenvolvido no Povoado Ilha do Ferro, localizado na zona rural do município de Pão de Açúcar – Alagoas, a tese, responsável por investigar as manifestações de literatura popular de autoria feminina nos apresenta

Morena Teixeira, mulher negra, viúva, poetisa e narradora nas modalidades: oral, escrita e visual, sendo produtora de uma arte potente. A tese, não somente nos apresenta uma grandiosa artista, mas também oferece a compreensão de que, nas palavras do autor: “por trás da simplicidade e da rusticidade aparente das pessoas e de seus modos de vida, escondem-se mistérios estéticos ávidos por serem decifrados” (COSTA, 2019, p. 225).

Compreende-se, que a cultura alagoana, em especial, do Sertão sanfranciscano, por meio das vozes de artistas como Morena Teixeira, não somente vem a contribuir para produção de cultura local, mas de manter acesa a chama que arde na cultura alagoana, ao qual é capaz ainda de contribuir para preservar a memória e a identidade daquele povoado. Reitero, o diálogo das Letras, com os Estudos Culturais nos fornece novos parâmetros e perspectivas para ver e reparar a cultura produzida no Brasil, e para tanto, é com olhar singelo de agradecimento que encerro este relato, com o imaginário aguçado, trago esta partilha da experiência de ouvir e aprender sobre as identidades e memórias que compõe a cultura popular brasileira.

Referências:

COSTA, Jairo José Campos da. *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*. Orientadora: Dra. Lúcia Osana Zolin. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CHLA) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2019.

MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral*. Edições Loyola, São Paulo. Brasil, 1996.

A ARTE COMO EXPRESSÃO DA CULTURA POPULAR

Weslei Chaleghi de Melo¹²

O curso “Estudos Avançados”, ministrado pelo Prof. Jairo José Campos da Costa, proporcionou-me uma valiosa e significativa experiência, como cunho de nota pessoal, afirmo que, contribuiu para tornar-me um pesquisador mais proficiente – possibilitando compreender as relações entre literatura e outras artes e a poética envolvida em cada produção cultural.

Fonseca (1996 *apud* SCHIFFLER, 2017, p. 115) define a literatura oral como formas artísticas transmitidas por meio de diferentes sistemas, em que seja possível reconhecer um discurso capaz de conduzir sensações, emoções e saberes capazes de orientar o indivíduo em sua conduta social. Dessa forma, a poética presente nas produções de Morena Teixeira são expressas oralmente e

¹² Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina-UEL

por meio da arte em tecido utilizando o bordado boa noite: formas artísticas capazes de produzir significações.

Para autores como Finnegan (2006), a arte oral é provavelmente tão antiga quanto à humanidade. Para Costa (2019), tão obviamente, as pessoas necessitam se expressar por meio da arte: seja pela poesia, prosa, pintura, bordados, costura etc. Essas linguagens constituem um bem cultural, norteador dos processos de construção identitária de grupos sociais.

Reduzir o conceito de literatura à forma escrita ou a algumas de suas concepções modernas (ou ocidentais) seria perder de vista a universalidade de um fenômeno que, como a linguagem, parece ser próprio do homem e, como tudo que é universalmente humano, apresenta-se marcado de diferenças capazes de garantir a identidade cultural dos grupos que o produzem e consomem. (BRANDÃO, 1997, p. 230).

Percebe-se, como aponta Costa (2019) em relação à poética popular, sobretudo, a expressa por meio da artista Morena Teixeira, dialoga com os estudos já consagrados da

Teoria Literária postulados por Candido (1995) que afirmam o papel da Literatura como horizonte de humanização e expressão da cultura de um povo em determinado momento histórico.

Com base nos estudos do curso, podemos reafirmar tais colocações e expandindo ao dizer que a arte, multifacetada, humaniza na medida em que toca no mais profundo do ser, capaz de propiciar reflexões que até então, a cegueira do mundo capitalista tenta nos tirar. A segregação cultural, o desprezo pelas humanidades e, conseqüentemente, a desvalorização da arte do povo para o povo, têm sido formas de oprimir grupos de minoria, marginalizados socialmente. A arte, nesse caso, é resistência contra o sistema e parte imprescindível em um mundo mais justo e igualitário.

Vale ressaltar que, atualmente, a sociedade possuiu um conhecimento maior sobre a importância de se promover um nível de preservação cultural da localidade em que a mesma encontra-se inserida, valorizando seus aspectos culturais específicos, e a tradição existente. Dessa forma, é preciso compreender a importância de se manter as tradições culturais, ou seja, preservar as identidades sociais já estabelecidas e que necessitam ser conhecidas e

respeitadas em todos os lugares, uma vez que, sempre existe uma tradição, uma cultura local representativa que precisa ser ensinada, muitas vezes de forma oral ou por meio de artesanato, sendo repassadas para as futuras gerações.

Entender a poética presente em um artesanato, no processo de confecção de bonecas e, até mesmo, experimentar um pouquinho do Norte e Nordeste que até então, nós, pesquisadores do Sul, possuímos uma visão vendida pela Indústria Cultural que pouco condiz com a realidade que demonstra a importância dos conhecimentos mediados sobre cultura popular, pois a história oral de vida é muito mais subjetiva que objetiva.

Compreender a subjetividade presente na oralidade como produto histórico e estético, justifica nosso empenho em trazer ao cenário acadêmico mais pesquisas que mostrem a verdadeira face do Brasil: uma pátria miscigenada, que não se remete apenas a arte produzida pela elite, mas que reconheça e valorize as cantigas de roda, as lendas, os cânticos religiosos, etc., que são passados de geração a geração, muitas vezes enquanto a mãe/pai ensina(m) um ofício artesanal ao filho (a).

Referências:

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Oralidade, escrita e literatura: Havelock e os gregos*. In: *Literatura e Sociedade*. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. São Paulo: USP, n. 2, p. 222-231, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSTA, Jairo José Campos da. *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*. Orientadora: Dra. Lúcia Osana Zolin. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CHLA) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2019.

FINNEGAN, Ruth. *O Significado da Literatura em Culturas Oraís*. In: *A Tradição Oral*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2006.

SCHIFFLER, Michele Freire. *Literatura, oratura e oralidade na performance do tempo*. *EVELL*. v.2, nº 16. UEMS. 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/search/search?simpleQuery=SCHIFFLER&searchField=query>. Acesso: 10 dezembro de 2020.

- SOBRE OS ORGANIZADORES -



Jairo José Campos da Costa, nasceu em Francisco Dantas RN, em 15.06.1976, filho de Francisco Valmir da Costa e Rita Braz Campos Costa. Pós-Doutorando em Letras, área Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina-UEL, Mestrando em Museologia, pela Universidade Federal da Bahia-UFBA. Doutor em Letras, área Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá-UEM, Mestre em Letras, área Estudos Literários, pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Licenciado em Letras Vernáculas, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Exerceu a função de Secretário Municipal da Educação, da Cultura e dos Desportos do município de Francisco Dantas-RN (2001-2003). Exerceu a função de Coordenador do Curso de Letras/CAMPUS V/UNEAL (2004-2005). Exerceu a função de diretor do CAMPUS V/UNEAL duas vezes, (2006-2008 e 2008-2010). Exerceu a função de presidente do Conselho Estadual de Educação-CEE de

Alagoas (2014-2016). Exerceu a função de reitor da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, duas vezes, (2010-2014 e 2014-2018). Atualmente, é professor Titular de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura do Campus V da UNEAL, União dos Palmares-AL. Coordena o Sistema Universitário de Museus da UNEAL, com foco em Cultura Popular Alagoana. Coordena o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas-CLIND. Coordena o Núcleo de Pesquisa em Literatura e Artes Visuais Populares-NUPLAV/CNPq. É membro efetivo da Academia Maceioense de Letras-AML, ocupando a cadeira N°. 02, cujo patrono é Graciliano Ramos. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Teoria da Literatura, Literatura Brasileira, Literatura e Cultura Popular Brasileira.



A carreira de pesquisador de **Frederico Fernandes** está voltada, principalmente, para as relações entre oralidade, sonoridade e literatura. Autor de vários livros e coletâneas sobre o tema, além de artigos, assina também a tradução de algumas

obras. Sua principal contribuição está em refletir sobre a produção poética na letra e na voz, tendo como enfoques a investigação de mitos, lendas e causos de moradores ribeirinhos do Pantanal sulmatogrossense, a poesia urbana de rappers londrinenses e a poesia neovanguardista performática circulada em festivais poéticos italianos. Foi um dos criadores da revista Boitatá, durante o período que coordenou o GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL (2004-2008). Atualmente coordena o Portal de Poéticas Orais. Mestre e doutor em Letras, participou de estágios de pós-doutorado no Canadá (Programa Visiting International Scholar, da Brock University - 2008-2009), e na Itália (Estágio Sênior CAPES - Università di Bologna - 2014-2015). Desde 1998, é professor junto à Universidade Estadual de Londrina, na qual desenvolve atividades de

ensino e pesquisa com alunos da graduação e da pós-graduação. Em 2018, foi professor visitante junto à Minjiang University (China). Coordenou o Comitê de Assessoramento em Letras, Linguística e Artes da Fundação Araucária, entre 2013-2017. Foi eleito, em junho de 2018, presidente da ANPOLL - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística.

QUER SABER MAIS SOBRE A EDITORA OLYVER?

Em www.editoraolyver.org você tem acesso a novidades e conteúdo exclusivo. Visite o site e faça seu cadastro!

A Olyver também está presente em:



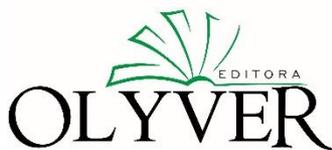
facebook.com/editoraolyver



[@editoraolyver](https://twitter.com/editoraolyver)



Instagram.com/editoraolyver



www.editoraolyver.org
editoraolyver@gmail.com



O presente livro é resultado do cumprimento do plano de trabalho de pós-doutorado do Prof. Dr. Jairo José Campos da Costa, da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, supervisionado pelo Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes, no Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, da Universidade Estadual de Londrina-UEL, momento em que foi ministrada uma disciplina, em formato de estudos avançados, denominada MANIFESTAÇÕES DE LITERATURA POPULAR NO BAIXO RIO SÃO FRANCISCO. Esperamos que a publicação do presente livro, também, para além do lattes, possa ser fonte de inspiração para tantos trabalhos interessantes desenvolvidos no âmbito da pós-graduação brasileira que, quase sempre, terminam naquele lapso temporal em que a atividade fora desenvolvida. Quando há a publicação, além da valorização das pessoas envolvidas, imortaliza-se o trabalho desenvolvido e silencia possíveis vozes, vez por outra somos obrigados a conviver com elas, que nos chegam com o propósito de macular a imagem da Universidade pública brasileira.



Espaço de Memória
Artesã Irineia Rosa Nunes da Silva
União dos Palmares/AL



MANTENEDORA DO MUSEU DE CULTURA POPULAR DE
FRANCISCO DANTAS - RN



Espaço de Memória
Artesão Fernando Rodrigues dos Santos
Pão de Açúcar/AL

ISBN 978-65-87192-55-0



9 786587 192550

EDITORA
OLYVER
www.editoraolyver.org



Universidade
Estadual de Londrina



Núcleo de Pesquisa em Literatura e
Artes Visuais- NUPLAV
UNEAL/CAMPUS V/União dos Palmares-AL